

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016

Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2016

Título: CONVERSÇÕES INTERDISCIPLINARES: a possibilidade de mediação pelo texto filosófico	
Autora: Claudia da Silva Kryszczun	
Disciplina/Área:	Filosofia
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual Polivalente
Município da escola:	Londrina
Núcleo Regional de Educação:	Londrina
Professor Orientador:	Eder Soares Santos
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Relação Interdisciplinar:	Sociologia, Língua Portuguesa, História e Arte. Porém outras disciplinas poderão participar, pois o material foi pensado para o trabalho interdisciplinar mediado pelo texto filosófico.
Resumo:	É possível planejar ações conjuntas entre professores de diferentes disciplinas? A leitura do texto filosófico é o que há de mais específico no ensino de filosofia escolar. A compreensão dos problemas que levaram os filósofos a criarem os conceitos podem contribuir para a formação humana dos estudantes e a sua escrita própria. No grupo de estudos iremos planejar as parcerias interdisciplinares.
Palavras-chave:	Interdisciplinaridade; criação conceitual; leitura; textos filosóficos; ensino de filosofia.
Formato do Material Didático:	Artigo
Público:	Professores, equipe pedagógica e direção.

CONVERSAÇÕES INTERDISCIPLINARES: a possibilidade de mediação pelo texto filosófico

Claudia da Silva Kryszczun¹
Eder Soares Santos²

Resumo

O presente artigo é fruto das pesquisas realizadas, ao longo do ano de 2016, pelo programa de formação continuada denominado PDE, ofertado aos professores da rede estadual de ensino em parceria entre a Secretaria Estadual de Educação (SEED/PR) e a Universidade Estadual de Londrina (UEL). A finalidade deste trabalho é refletir a respeito da possibilidade de interdisciplinaridade mediado pelo texto filosófico. Partiremos da conceituação de interdisciplinaridade e posteriormente pensar a possibilidade das conversações interdisciplinares mediadas pela leitura do texto filosófico. O filósofo francês Gilles Deleuze (1932-1995) é o referencial teórico para pensar a Filosofia como criação conceitual. Será que professores de diferentes disciplinas podem planejar os conteúdos de modo colaborativo e assim contribuir para a formação humana e integral dos estudantes do Ensino Médio? Podem estabelecer conversações e planejar atividades conjuntas visando o desenvolvimento da escrita própria dos estudantes? São muitos os desafios, mas o importante é lançarmos ao desconhecido e buscarmos em conjunto estratégias para o trabalho em parcerias interdisciplinares para mantermos a nossas conversações sempre vivas entre os diversos saberes produzidos pela humanidade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; textos filosóficos; ensino de filosofia; criação conceitual.

Introdução

Creio que o pensamento filosófico nunca teve um papel tão importante quanto hoje, porque está se instalando todo um regime não só político, mas cultural e jornalístico, que é uma ofensa a todo pensamento. (DELEUZE, p. 46, 1992).

O Programa de formação continuada (PDE) da Secretaria Estadual de Educação (SEED) nos possibilitou, com o afastamento das atividades em sala de aula, e no retorno a Universidade, com cursos, orientações e pesquisas teóricas, pensar e

¹ Professora da Rede Estadual, desde fevereiro de 2005. Participante do programa de formação continuada PDE/2016. Mestranda do PPGFIL – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) claufile@yahoo.com.br

² Professor Pós-Doutor, em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina e orientador do programa de formação continuada PDE. edersan@uel.com

repensar a nossa prática e o modo de pensarmos a disciplina de filosofia e seu lugar no Ensino Médio. Com o filósofo Gilles Deleuze (1932-1995) definimos o título do nosso artigo. Mas o que é uma conversação? É uma conversa permanente, no prefácio do seu livro *Conversações*³ Deleuze afirma que: “Certas conversações duram tanto tempo, que não sabemos mais se ainda fazem parte da guerra ou já da paz”.

As Conversações Interdisciplinares pretendem dialogar com professores de diferentes disciplinas que se dispuserem a encarar uma possibilidade de interdisciplinaridade, mediado pelo texto filosófico, que entendemos como o que há de mais específico no ensino de filosofia, pois é nele que estão os conceitos criados, por um problema, em um dado momento histórico e que outras disciplinas podem, com planejamento, tornar possível a leitura de um texto filosófico em sala de aula, a compreensão de seu contexto e auxiliar a escrita própria dos estudantes, com a contribuição de saberes além das fronteiras disciplinares da filosofia.

Esse artigo se constitui como um texto auxiliar de um grupo de estudos que será formado no Colégio Estadual Polivalente de Londrina, com professores de diversas disciplinas do colégio e também do GTR – Grupo de Trabalho em Rede, com o objetivo de pensarmos conceitualmente a interdisciplinaridade e conhecer melhor a especificidade da filosofia no Ensino Médio.

O texto está dividido em três seções: A primeira – *O papel da escola* -, que procuraremos pensar a função da escola com o auxílio das Leis e Diretrizes Federais e Estaduais; Segunda seção – *Conversações Interdisciplinares* – que abordaremos o conceito de interdisciplinaridade e a importância da parcerias entre disciplinas, a importância da definição das disciplinas visando ultrapassá-las; e por fim - *A disciplina de filosofia e sua especificidade no ensino médio* – o referencial teórico é Gilles Deleuze e a pedagogia histórico crítica adotada pelas Diretrizes Estadual da Educação/PR.

³ Livro que reúne entrevistas dadas por Deleuze entre 1972 à 1990 com o título *Pourparlers*. No Brasil a primeira edição foi lançada em 1992, pela editora 34, traduzido pelo professor Peter Pál Pélbart, como *Conversações*.

1. O papel da escola

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio⁴, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), expõem alguns desafios para essa fase do ensino, como a compreensão das juventudes e as desigualdades sociais e destacam que o papel principal da escola é ser o espaço físico em que os estudantes terão a oportunidade de acesso ao conhecimento sistematizado.

É preciso reconhecer que a escola se constitui no principal acesso ao conhecimento sistematizado, tal como produzido pela humanidade ao longo dos anos. Assegurar essa possibilidade, garantindo a oferta de educação de qualidade para toda a população, é crucial para que a possibilidade de transformação da sociedade seja concretizada (BRASIL, 2013, p. 167).

As políticas públicas para a educação devem priorizar os investimentos para que a escola consiga cumprir a sua função de *lócus* desses saberes produzidos historicamente pela humanidade, para que os estudantes do Ensino Médio possam, a partir desses saberes, ampliar o seu repertório conceitual e desenvolver a autonomia intelectual e a escrita própria. Para o professor GADOTTI essa é a escola cidadã, pois “[...] formadora do indivíduo autônomo, alimenta-se do discurso do outro, mas o reelabora para torná-lo seu, para que o outro não pense por mim, não fale por mim, como ocorre com o indivíduo alienado”. (2000, p. 57).

O ensino médio segundo as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/1996 (LDB) é a última etapa de escolarização dos estudantes da Educação Básica. A duração mínima prevista é de três anos e entre as finalidades dessa importante fase da vida escolar dos jovens brasileiros estão contempladas no Artigo n.º 35 da LDB, incisos III e IV.

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996, Artigo 35, III, IV).

⁴ Constitui uma parte das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica publicada em 2013.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE)⁵ – assumem a concepção de currículo disciplinar e a escola como esse lugar onde os estudantes tem a possibilidade de contato com os conhecimentos científicos, filosóficos e a artísticos. Os estudantes das classes menos favorecidas têm essa oportunidade atrelada, quase exclusivamente, à escola.

Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única, de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico, da reflexão filosófica e do contato com a arte (PARANÁ, 2008, p. 14).

O professor Newton DUARTE compreende que a função primordial da escola é a socialização dos saberes historicamente produzidos. E sua afirmação se dá à luz da pedagogia histórico-crítica, pedagogia essa adotada pelas DCE - SEED/PR. Os estudantes, principalmente das escolas públicas, não devem ser privados dos saberes que podem intensificar a compreensão das contradições sociais. Ele afirma que:

[...] o papel da escola consiste em socializar o saber objetivo historicamente produzido. Não se trata de defender uma educação intelectualista nem de reduzir a luta educacional a uma questão de quantidade maior ou menor de conteúdos escolares. A questão é a de que, ao defender como tarefa central da escola a socialização do saber historicamente produzido, a pedagogia histórico-crítica procura agudizar a contradição da sociedade contemporânea, que se apresenta como a sociedade do conhecimento e que, entretanto, ao contrário do que é apregoado, não cria as condições para uma real socialização do saber. (2001, p. 29-30)

Acreditamos que a disciplina de filosofia possa contribuir de forma efetiva na socialização desses saberes criados historicamente, ao colocar em destaque nas suas aulas o que há de mais específico no saber filosófico, que são os conceitos presentes nos textos filosóficos clássicos. Os seis conteúdos estruturantes da Filosofia são: Mito e Filosofia; Teoria do Conhecimento; Ética; Filosofia Política e Filosofia da Ciência; e Estética.

⁵ Diretrizes fruto da participação dos professores das escolas da Rede Estadual de Educação entre 2003 a 2007 por meio de debates, simpósios e outros eventos promovidos pela Secretaria de Educação do Paraná -SEED/PR para a construção dessas diretrizes orientadas pela pedagogia histórico-crítica.

A Secretaria Estadual da Educação (SEED/PR), por meio das diretrizes curriculares, entendem os professores como sujeitos produtores do conhecimento. “Nessa *práxis*, os professores participam ativamente da constante construção curricular e se fundamentam para organizar o trabalho pedagógico a partir dos conteúdos estruturantes” (PARANÁ, 2008, p. 25). São definidos os conteúdos estruturantes, mas a seleção dos conteúdos e materiais a serem trabalhados é de responsabilidade dos professores que elaboram seus planos de trabalho docente anualmente.

As disciplinas apresentam-se nas DCE/PR com suas especificidades, porém, mesmo com o tratamento disciplinar conferido “são entendidas como campos do conhecimento, identificam-se pelos respectivos conteúdos estruturantes e por seus quadros teóricos conceituais” (PARANÁ, 2008, p. 27), elas preveem que os conteúdos disciplinares possam, sempre que possível, serem trabalhados de forma contextualizada e estabelecendo possíveis relações interdisciplinares. Não se faz interdisciplinaridade sem disciplinas.

Assim, o fato de se identificarem condicionamentos históricos e culturais, presentes no formato disciplinar de nosso sistema educativo, não impede a perspectiva interdisciplinar. Tal perspectiva se constitui, também como concepção crítica de educação e, portanto, está necessariamente condicionada ao formato disciplinar, ou seja, à forma como o conhecimento é produzido, selecionado, difundido e apropriado em áreas que dialogam (*sic*) mas que constituem-se em suas especificidades. (PARANÁ, 2008, p. 20)

A disciplina de filosofia é uma das doze disciplinas do ensino médio e para que uma educação de qualidade seja possível, acreditamos que as inserções de práticas interdisciplinares possam contribuir para alcançarmos o objetivo de uma educação com qualidade na educação básica. Essas práticas são escassas nas escolas por falta de planejamento ou de um tempo para refletir e organizar essas práticas interdisciplinares. Compreendemos que há a necessidade de criação de um espaço para a formação dos professores e para o planejamento dessas práticas interdisciplinares na escola para cumprir a sua função.

O Grupo de estudo que será formado procurará criar esse espaço de estudos, leitura, debates e planejamento de ações que visem organizar a difícil tarefa de conversações interdisciplinares, no nosso caso, com mediação do texto clássico filosófico.

2. Conversações Interdisciplinares

A interdisciplinaridade possui diversas definições, umas mais abrangentes, outras mais restritivas e acreditamos que é preciso a clareza nas concepções para uma melhor organização curricular e planejamento das ações interdisciplinares. Uma definição, considerada clássica⁶ e que está presente em diversos artigos científicos a respeito do tema é a compreensão “[...] no qual interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas”, (*apud* FAZENDA, 2008, p. 18), concepção que hoje pouco contribui para a organização de ações interdisciplinares efetivas.

Porém outros artigos científicos desenvolvem o conceito acrescentando novos elementos com a definição que compreende “o trabalho interdisciplinar como aquele realizado por dois ou mais professores que conectam os saberes de suas disciplinas por meio do diálogo e da negociação” (HARTMANN; ZIMMERMANN, 2007, p. 1). Essa conceituação, um pouco mais abrangente, enfatiza a relevância do diálogo entre os saberes e a negociação entre os professores que desejam atuar na perspectiva interdisciplinar.

O trabalho na perspectiva interdisciplinar requer uma mudança de postura dos professores, pois além da necessidade do diálogo e negociação a humildade diante dos próprios limites e reconhecimento dos saberes que não domina enquanto formação inicial, mas que se dispõem a aprender, principalmente para garantir o direito dos estudantes ao acesso aos saberes que, muitas vezes, extrapolam as fronteiras disciplinares da nossa organização escolar ou que podem retomar a sua unidade inicial com a interdisciplinaridade, que pode se constituir como uma importante estratégia, para organização dos conteúdos das disciplinas escolares.

[...] atitude de humildade diante dos limites do saber próprio e do próprio saber, sem deixar que ela se torne um limite; a atitude de espera diante do já estabelecido para que a dúvida apareça e o novo germine; atitude de deslumbramento ante a possibilidade de superar outros desafios; a atitude de respeito ao olhar o velho como novo, ao olhar o outro e reconhece-lo, reconhecendo-se; a atitude de cooperação que conduz às parcerias, às trocas, aos encontros, mais das pessoas que das disciplinas, que propiciam as transformações, razões de ser da interdisciplinaridade. Mais que um fazer, é paixão por aprender, compartilhar e ir além (TRINDADE, 2008, p. 73)

⁶ Essa definição clássica foi produzida em 1970 pelo Ceri — Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino —, órgão da OCDE (Documento Ceri/HE/SP/7009).

As parcerias pedagógicas, em que os professores de disciplinas diferentes se propõem a trabalhar coletivamente, visando uma melhor compreensão dos conteúdos escolares planejados para os estudantes do ensino médio. Essa não é uma tarefa mais fácil, pois é preciso estabelecer as conversações interdisciplinares e desenvolver as parcerias com professores igualmente dispostos a assumir, que não dominam todos os conhecimentos das disciplinas escolares e que as parcerias na interdisciplinaridade são fundamentais.

O educador precisa sempre estar se apropriando de novos e infinitos conhecimentos. O tempo para isso é curto, como é curta a vida. A vida se prolonga na confluência das outras vidas que também são curtas, que também são breves, mas que juntas podem se alongar e assim se eternizar. Este é o sentido da *parceria na interdisciplinaridade*. (grifo da autora) (FAZENDA, 2010, p. 172)

A nossa proposta visa planejar atividades interdisciplinaridades em parcerias com diferentes disciplinas que estiverem dispostas a conversar e se lançar nessa tarefa de confluência de saberes. Na próxima seção irei expor a especificidade da filosofia, enquanto criação conceitual, numa perspectiva deleuzeana e da filosofia enquanto disciplina escolar no currículo do ensino médio e seu ensino e a possibilidade de interdisciplinaridade mediado pelo texto filosófico.

3. A disciplina de filosofia e sua especificidade no ensino médio

A pesquisa sobre o ensino de filosofia e suas metodologias no ensino médio, dentro do programa PDE, pela Secretaria Estadual de Educação no Paraná, é necessária para indicar práticas docentes que promovam a educação filosófica adequada para o ensino médio, no qual se situa a disciplina de filosofia, que no Paraná possui carga horária anual de oitenta horas e que por força de lei n.º 11.684 assinada em 02 de junho de 2008, que substituiu a lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 no seu artigo 36, portanto há oito anos a disciplina está presente em todas as séries do ensino médio das escolas brasileiras, e no ano de 2016 duramente criticado enquanto disciplina obrigatória nas três séries do ensino médio.

O ensino de filosofia pelas DCE/PR tem por objetivo o trabalho com conceitos filosóficos. Essa definição tem por fundamentação a filosofia de Gilles Deleuze que

deslocamos para pensar o ensino de filosofia. Para ele a filosofia tem uma função específica e que não pode ser praticada pelas ciências, artes, mídias e “que permanece perfeitamente atual, *criar conceitos*” (DELEUZE, 1992, p. 170, *grifo nosso*). A criação de conceitos não se efetiva ao acaso ou por determinismo, pois ela necessita do problema que a motive nessa tarefa de criação e re-criação conceitual.

A filosofia não é comunicativa, assim como não é contemplativa, nem reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionária, uma vez que não pára (*sic*) de criar novos conceitos. A única condição é que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e eles as têm na medida em que respondem a verdadeiros problemas. O conceito é o que impede que o pensamento seja uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma tagarelice (DELEUZE, 1992, p. 170).

Deleuze opera agenciamentos com filósofos elencados por ele para produzir o novo, para recriar desterritorializando e reterritorializando os componentes conceituais, criando e recriando novos conceitos e por consequências novos modos de vida, a partir dos problemas contemporâneos. No ensino de filosofia essa recriação ou criação do novo se dá na produção escrita dos estudantes. Nesse processo de criação conceitual, Deleuze recorre a história da filosofia. No entanto, essa seleção não ocorre de forma aleatória, mas os alvos são filósofos que possibilitam uma potência crítica e que não impedem o processo de criação e são esses nomeados por Deleuze como seus intercessores.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. (DELEUZE, 1992, p. 156).

Os intercessores elencados carregam essa força de tirar o pensamento da inércia. Foi o que fez com Espinosa e o livro V de sua *Ética*. A partir desse encontro Deleuze se propõe a pensar o diálogo com o terreno não filosófico, com a imanência e a importância do plano não filosófico para a constituição do pensamento filosófico. São esses bons encontros, para utilizar a linguagem espinosista, que contribuem para a construção da filosofia deleuzeana, sem eles a sua filosofia, como formulada, não

seria possível.

Tendo por referência a filosofia deleuzeana compreendemos que esses conceitos não surgiram do nada, mas dos problemas num dado contexto histórico. Para que haja a compreensão dos conceitos é fundamental ter acesso aos problemas que mobilizaram os filósofos para a sua criação no decorrer da história da filosofia. É nesse ponto que a leitura de textos clássicos filosóficos é importante, pois a disciplina de filosofia não pode prescindir da utilização desse instrumento como base de seu ensino. SACRISTÁN destaca a importância do ler para o desenvolvimento da racionalidade.

Ler é desenvolver a racionalidade, que é dinâmica e é exercida no fato de raciocinar, enquanto se dialoga com o lido. [...] Ler é desdobrar-se em si mesmo a reflexão de outro que significa o escrito, seguindo um processo em que se entrelaçam os argumentos próprios com os de outros, criando uma trama mental ao relacionar os significados, isto é, as leituras (p. 47, 2000).

Trabalhar com a leitura de texto filosóficos na sala de aula está de acordo com as DCE/PR de Filosofia, em que a leitura do texto clássico é tida como parte fundamental para o ensino da disciplina filosofia na educação básica, bem como a produção escrita dos estudantes, que também podem ser entendidos como a recriação conceitual, a partir de seus próprios problemas e do contexto histórico, no qual estão inseridos.

A leitura de textos clássicos filosóficos em sala de aula com a mediação dos professores com formação em filosofia e a conversação estabelecida com professores de outras disciplinas curriculares, isto é, a promoção de práticas interdisciplinares, mediada pelo texto filosófico selecionado, possam contribuir para a qualidade da educação ofertada aos estudantes da Educação Básica e assim estimular a escrita própria dos estudantes de forma qualificada tendo por suporte um repertório ou acervo dos diversos saberes historicamente produzidos e acumulados e selecionados pelo projeto político pedagógico da escola.

É o ambiente escolar o terreno propício para estabelecermos as parcerias pedagógicas interdisciplinares para que a filosofia contribua para a formação humana e integral dos estudantes. Sem operar o cerceamento do horizonte de possibilidades de acesso aos saberes científicos, filosóficos e artísticos dos estudantes.

No grupo de estudo além desse artigo faremos a leitura de quatro textos filosóficos do livro Antologia de Textos Filosóficos disponibilizados em todas as

Bibliotecas escolares do Paraná. Os filósofos que farão parte das nossas conversações serão: Descartes, Voltaire, Kant e Nietzsche.

Nos utilizaremos para pensarmos o ensino de filosofia do método regressivo elaborado pelo professor Silvio GALLO, em conversação com a filosofia deleuzeana, porém acrescentando as parcerias interdisciplinares. São quatro passos proposto: “1) escolher um texto ou uma parte de um texto de um filósofo; 2) ler esse texto com os estudantes; 3) evidenciar o conceito proposto pelo filósofo ali; 4) investigar o problema ou os problemas que moveram o filósofo a criar tal conceito”. (2012, p. 114). Porém, acrescentamos as parcerias interdisciplinares, professores de outras disciplinas para investigar temas que se apresentam no texto e que podem motivar a compreensão de temas que são desafios contemporâneos. Como por exemplo a questão de gênero presente no texto de Voltaire - *Mulheres obedecêi-vos a vossos maridos*.

A perspectiva que adotaremos para pensar e atuar no ensino de filosofia é aquela que proporcione o questionamento, a criticidade, a criação e autonomia de escrita dos estudantes frente a partir da leitura e contato com seus próprios problemas. “O ensino de filosofia pode ser tomado em uma perspectiva ativa, que tenha por meta a emancipação intelectual daquele que aprende, a produção de singularidades, ainda que não seja possível controlar” (GALLO, 2012, p. 48), para que os estudantes não façam como os filósofos, mas com os filósofos em conversações que possam durar e mantê-los tensionados pensar o novo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei n.º 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana/ Newton Duarte — 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea)

FAZENDA, Ivani C. A. (ORG.). **Didática e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1998.

FAZENDA, Ivani C. A. (ORG.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 12ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

FAZENDA, Ivani C. A. (ORG.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GALLO, Silvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia**: uma didática para o ensino médio. São Paulo: Papiros, 2012.

HARTMANN, Angela Maria; ZIMMERMANN, Erika. O trabalho interdisciplinar no Ensino Médio: A reaproximação das “Duas Culturas” *in* **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Vol. 7, n.º 2, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** – Filosofia. Curitiba, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. A educação que temos e a educação que queremos. *In*. IMBERNÓN, F. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. *in* FAZENDA, I. (ORG.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.